

Eleições Europeias

Se não querem recorrer a Marx... pelo menos recorram a Sócrates

Um balanço dos resultados obtidos pela Iniciativa Internacionalista

ANGEL LUÍS PARRAS

PARTIDO REVOLUCIONÁRIO DOS TRABALHADORES (PRT-IT) - ESPANHA

TRADUÇÃO
CECÍLIA TOLEDO

No último 7 de junho ocorreram eleições para a renovação do Parlamento Europeu e, como era previsto, os partidos de direita venceram. Mas essas eleições trouxeram algumas surpresas importantes, como a campanha da chapa *Iniciativa Internacionalista – Solidariedade entre os Povos* (II-SP), no Estado espanhol. Apesar de uma tentativa de impugnação, uma virulenta campanha da mídia e casos evidentes de fraude, os candidatos da II-SP fizeram uma significativa campanha contra o regime e pelas demandas dos trabalhadores contra a crise, atraindo setores da vanguarda das lutas em todo o Estado espanhol. E com isso tiveram uma alta votação no País Basco e em Navarra. Neste artigo, apresentamos um primeiro balanço desse importante processo.

O resultado eleitoral da Iniciativa Internacionalista-Solidariedade entre os Povos

A campanha da II-SP foi, para a imensa maioria daqueles que fizeram parte dessa candidatura, mais que satisfatória. Foi uma vitória frente ao governo e o regime monárquico. Mas a avaliação final, como tudo o que envolveu essa candidatura, deu origem a certa polêmica. Para os detratores, não eleger um deputado “mostra” o fracasso. Para outros, no meio do caminho, o resultado em Euskal Herria¹ é bom, mas péssimo no restante do Estado. Há quem diga, inclusive, que o balanço público feito pela *Corriente Roja* é “autojustificativo”, no qual, tomando as palavras de Alfonso Sastre², se afirma: “O movimento de solidariedade que a II-SP despertou já é um êxito”.

Então, como fazer um balanço minimamente rigoroso dessa candidatura? Vamos esquecer o fato, cada vez mais óbvio, de que nos roubaram uma parte

1 Euskal Herria: País Basco, inclui as províncias do País Basco e Navarra nas fronteiras espanholas.

2 Alfonso Sastre: Grande dramaturgo da língua espanhola, encabeçou a candidatura da Iniciativa Internacionalista



“Esta campanha mostrou que é possível construir uma referência política unitária da esquerda”

ANGEL PARRAS

substancial de votos, e fazer o balanço referindo-nos exclusivamente aos que oficialmente nos foram reconhecidos na contagem provisória, os 175895 votos. Apesar das conclusões finais de cada um, é possível utilizar alguns parâmetros comuns para poder medir? Entre pessoas que se consideram de esquerda, é possível traduzir as paixões e as sensações na linguagem da razão? Para nós, do ponto de vista racional, seria preciso apelar a Marx e recordar que para o pensamento dialético toda definição é relativa, que definimos em relação a algo. Mas talvez seja pedir muito que alguns tentem ao menos raciocinar como marxistas, entre outros motivos porque se consideram de esquerda, mas não necessariamente marxistas. Apelemos então para um sábio grego, Sócrates.

Segundo Sócrates, para falar de algo com rigor seria preciso, ante de mais nada, definir esse algo. Se Sócrates fosse candidato da II-SP, à pergunta do jornalista presente: “Sr. Sócrates, o senhor condena a violência?”, seguramente o sábio grego, fazendo alarde de sua fina ironia, teria respondido: “gostaria muito de responder, mas me é rigorosamente impossível. Para isso eu teria de saber o que é violência. Sendo assim, defina o que é violência e eu, de bom grado, responderei sua pergunta”.

Com certeza, a resposta de Sócrates nesse diálogo imaginário teria sido a prova irrefutável para o Ministro Rubalcaba³ de que o filósofo grego é do “entorno”. Mas a rigor Sócrates tem razão, pedir um juízo sobre algo sem antes defini-lo não garante rigor algum ao juízo emitido. Voltemos então à origem deste artigo: como se avalia o resultado eleitoral? Não se pode responder com um mínimo de rigor sem antes definir **qual era o objetivo da candidatura**.

Que se ouça a voz dos trabalhadores e da esquerda independente

Tive o privilégio de ser convidado ao ato de encerramento da candidatura da II-SP em Rivasvaciamadrid⁴. Era o último dia de campanha e avaliando tudo o que foi feito, independentemente dos resultados do dia 7, dizia: “em relação à avaliação geral, nós estamos nesta altura já cansados porque além da campanha ter sido muito longa, houve uma “pré-pré-campanha”, uma pré-campanha e depois a campanha, e então estamos cansados, mas a satisfação é muito grande”. Essa mesma satisfação estava na declaração da *Corriente Roja* na própria noite das eleições.

Em fevereiro, na *Corriente Roja* discutíamos o que fazer nestas eleições europeias. Eram eleições marcadas por uma enorme indiferença geral, o que logo depois foi comprovado ao longo da campanha e na votação final. Em

3 Ministro Rubalcaba: Ministro do Interior que tentou obter a ilegalidade da candidatura.

4 Rivasvaciamadrid: Município de tradição operária na periferia de Madri.

meio a essa indiferença, nós chegamos igualmente à conclusão de que essas eleições eram importantes, porque na verdade havia duas razões de muito peso. A primeira é que seriam as primeiras eleições que ocorriam em meio a esta crise econômica mundial do sistema capitalista. E então, quisessem ou não, teriam de falar da crise, o que propõem, quais as saídas etc.

E a segunda razão, para nós tão importante como essa, era que estas eleições podiam ser a concretização de **uma fraude democrática sem precedentes** no Estado espanhol. Por que dizemos fraude democrática sem precedentes? Porque em março, nas eleições em Euskadi⁵, havia sido consumada uma brutalidade antidemocrática que passou bastante despercebida, ou no mínimo tolerada, não apenas para o povo basco, mas também, infelizmente, para além daquelas fronteiras.

Devido à lei dos partidos, impôs-se a impossibilidade do voto a um setor da população basca, e as coisas chegaram a tal ponto que não se importaram em deixar de fora milhares de pessoas e seu direito de voto, para conformar assim um governo diferente. Não se conformaram com ilegalizar, prender e perseguir um setor significativo do povo basco, a esquerda *abertzale*⁶, subverteram a vontade popular para conformar um Parlamento basco e um governo à sua medida.

As eleições europeias eram, assim, um drama, porque de alguma maneira iria se consumir o que em Euskadi já se havia consumado, uma afronta antidemocrática sem precedentes. Em meio a essa discussão na *Corriente Roja* foi dito: bom, o que uma pequena organização pode fazer numa tarefa tão complicada como essa, de apresentar uma candidatura? E se finalmente conseguirmos essa candidatura, qual seria seu objetivo? Era óbvio que diria coisas que navegam contra a corrente em todos os terrenos. Em resumo: “Nós queremos que a voz dos trabalhadores e da esquerda independente, em particular a esquerda *abertzale*, seja ouvida”. Esse foi o nosso objetivo e esse devia ser o objetivo de uma candidatura se conseguíssemos lançá-la.

Daí veio todo um tempo de intenso trabalho, de trabalho paciente, de reuniões, discussões, até que finalmente, com o esforço de muita gente e de muitas organizações, de muitos militantes, de intelectuais comprometidos com as lutas democráticas, conseguimos colocar de pé essa candidatura.

Que se escute a voz dos trabalhadores e da esquerda independente, da esquerda *abertzale*, esse foi nosso propósito. Por isso não só estávamos felizes na campanha, e continuamos assim, mas também orgulhosos, porque, independentemente do resultado de 7J⁷, o objetivo foi cumprido, e com folga, com folga! A candidatura e toda a campanha serviram para esse propósito, que era tão difícil de ser feito, como se demonstrou, mas que acabou convertendo-se em **uma vitória política diante do governo e do regime monárquico**.

Quatro aspectos para remarcar um balanço mais que satisfatório

Existem, a nosso ver, quatro aspectos da apresentação da candidatura que merecem destaque e que confirmam a avaliação tão positiva que temos do balanço:

- **A candidatura e a campanha serviram para desmascarar uma Lei Partidária**⁸ que é uma afronta aos direitos democráticos básicos.

5 Euskadi: Denominação do País Basco no idioma basco.

6 Abertzale: independentista, nacionalista basco

7 7J: 7 de junho, data das eleições ao parlamento europeu.

8 Lei dos Partidos: Lei anti-democrática assinada pelo PP e o PSOE para ilegalizar a Herri Batasuna e qualquer formação que a esquerda independentista tente formar.

Na Europa fala-se muito, e com razão, de Berlusconi, das bravatas e brutalidades do presidente italiano. Nós temos um governo que posa de “honesto” e de ser um modelo de “progresso” no mundo, mas a lei mais reacionária que existe em toda a Europa é essa Lei Partidária, que manda prender as pessoas por delitos de opinião. Por exemplo, a criminalização de Otegi⁹. Independentemente das opiniões que tenhamos a respeito de suas posições políticas, por que prenderam Otegi? Em que ato violento ele foi preso? Ele foi preso porque participou de uma coletiva de imprensa para apresentar uma candidatura. Tudo isso graças a essa Lei Partidária. Que tenhamos sofrido as consequências dessa lei fora das fronteiras de Euskadi serviu ao menos para que muita gente que tinha outra opinião, outra percepção da realidade, comece a ver a realidade que enfrentamos. Já dissemos que lamentamos que tivesse sido em nossas costas, mas pelo menos serviu para lançar luz sobre essa lei infame.

Apesar do empenho do governo e do Tribunal Supremo pela ilegalização e com toda a criminalização que cercou a candidatura, ao final pudemos apresentar um balanço vitorioso frente a este governo, ao PP¹⁰, ao coro midiático reacionário e a este regime herdado do franquismo.

- **Abriu-se uma brecha importantíssima contra o cerco a Euskadi.**

Romper o cerco ao país Basco tem também um aspecto muito positivo, sobretudo para os mais veteranos. Porque com esta candidatura se romperam 25 anos de isolamento cada vez mais profundo de Euskadi em relação ao restante do Estado. Só por isso, a candidatura já valeu a pena. Talvez os companheiros mais jovens ou aqueles que não estão envolvidos na militância política não deem valor a algumas coisas aparentemente simples, mas existem outros que dão muito valor ao que significa ouvir um sindicalista *abertzale* num comício em alguma praça de Madri. Há anos que um sindicalista *abertzale* não falava, não podia opinar, dizer o que quisesse em um ato público nas ruas de Madri e esta candidatura conseguiu isso. E de novo, para nós, só por esse fato a II-SP também valeu a pena.

Mas também valeu a pena porque recuperou uma velha tradição que se rompeu. Há toda uma geração de veteranos lutadores que cresceram levantando a bandeira da solidariedade com o povo basco e com as nacionalidades, em Madri, nas ruas, e tudo isso se perdeu. Quebrou-se essa unidade entre o movimento operário basco e sua esquerda independente e o restante da esquerda espanhola. Quebrou-se por muitas razões, mas, sobretudo pelo papel infame de submissão ao regime por parte dessa esquerda, e para nós essa candidatura serviu para recuperar esses velhos laços e, por isso, estamos orgulhosos e felizes por haver recuperado esse fio vermelho partido.

- **Configurou-se uma candidatura operária.**

Para nós também foi uma candidatura e uma campanha que valeu a pena, porque ouvimos muitos trabalhadores e trabalhadoras falando como candidatos dessa lista. Nós queríamos uma candidatura operária, uma candidatura dos trabalhadores e trabalhadoras que lutam contra os ERES¹¹, contra as demissões, contra as privatizações. Queríamos ouvir os e as dirigentes sindicais nos atos falando não de acordos, nem de promoções, mas sim ouvi-los explicar para centenas de pessoas a política de classe, e isso é o que ouvimos

9 Otegi: Dirigente da antiga Herri Batasuna e porta-voz da esquerda *abertzale*.

10 PP: Partido Popular, partido da direita espanhola, herdeiro da ditadura franquista. É o partido do ex-presidente José María Aznar.

11 ERES: Expediente de Regulamentação de Emprego, mecanismo mediante o qual uma empresa em crise consegue autorização da administração do Estado para suspender o trabalho ou promover demissões em massa.

nesta campanha. Ouvimos dirigentes sindicais, trabalhadores que encaram seus problemas e de todos os oprimidos pela ótica de uma classe social, a classe operária. E assim foi, uma candidatura de trabalhadores que falou da crise, dos ERES, de dar nome e sobrenome aos responsáveis pela crise, de como enfrentar o capital, explicando que há saída para a crise, propondo medidas anticapitalistas e falando do socialismo. Mas também os ouvimos falar de todos os oprimidos. Falaram da juventude, dos imigrantes, das mulheres, e falaram, e muito, do problema da soberania dos povos, porque esse é um drama para a classe operária deste país.

Há muitos trabalhadores, sindicalistas e pessoas conscientes que dizem: “Sim, unidade dos trabalhadores; nós, os trabalhadores, temos de nos unir”, mas esquecem alguns “detalhes”. Se a classe operária não se coloca à frente das tarefas democráticas deste país, em primeiro lugar dos direitos das nacionalidades, não haverá unidade dos trabalhadores. Pior: ocorrerá todo tipo de problemas, porque neste país há um nacionalismo infame, o mais perigoso de todos porque identifica como nacionalistas aos demais, mas não reconhece a si próprio como nacionalista: o nacionalismo espanhol. Se os trabalhadores não são conscientes disso, estamos condenados a ser a infantaria do nacionalismo espanhol e acabar, em nome da unidade da Espanha e coisas do tipo, sendo “bucha de canhão”, porque as guerras sempre são assim, as guerras são organizadas pelos de cima, mas quem paga o pato são os de baixo, é a lei da vida.

Então, se nós não tomamos essas bandeiras como nossas, outros as vão tomar contra nós. Esta candidatura teve esse enorme mérito, ouvir trabalhadores falando dessas coisas, falando do que tinham de falar e explicar a partir de uma opção de classe, o que significa esse tema.

• **Demonstrou-se que é possível construir uma referência política unitária da esquerda.**

Essa campanha foi importante também por ter demonstrado que se pode construir uma referência política unitária da esquerda, com pessoas que vêm de tradições muito distintas, em um sentido ideológico também, com muitas divergências. Mas isso não significa que não haja pontos, um programa de classe e democrático, de ruptura com o regime monárquico. Coisas básicas, essenciais, nas que podemos estar de acordo e lutar por elas. A candidatura mostrou que tudo isso não é um simples desejo, mas uma realidade.

Em torno desses dois grandes temas; a alternativa operária para a crise e a defesa dos direitos nacionais, conformou-se uma candidatura que deixou aquela gentinha louca. E isso é possível e serviu para organizar muita gente, lutadores, sindicalistas, estudantes, intelectuais, escritores e artistas, toda essa gente que deu uma ajuda, que não são militantes, mas que nesses momentos se unem e isso é muito importante porque a candidatura converteu-se num instrumento de organização. Como se vê, há muitas razões para estar satisfeitos e nos felicitar, a todos e todas que apoiaram a candidatura e tornaram possível a campanha.

Entre o cretinismo antiparlamentar e o oportunismo eleitoral

A adaptação ao sistema capitalista e ao regime monárquico por parte do PSOE como gestor, e dos partidos PCE-IU, BNG e ERC¹² como acólitos,

12 PCE-IU: *Partido Comunista da Espanha-Izquierda Unida*. O PCE é a principal força dirigente da organização reformista eleitoral Izquierda Unida. Esta conta com diferentes alas e tendências e apoiou o governo de Zapatero, aprovando os orçamentos gerais do Estado, com suas cotas previstas para financiar as tropas no Afeganistão e no Líbano, assim como para ajuda às empresas.

BNG: *Bloco Nacionalista Galego*, organização nacionalista que reivindica a independência da Galícia, mas esteve junto com o PSOE no governo autônomo da Galícia até as últimas eleições, quando perderam a maioria parlamentar para o PP. Foi um governo a serviço da burguesia galega e espanhola.

ERC: *Esquerra Republicana de Catalunya*, organização nacionalista da Catalunha que, como o BNG, exige a independência, mas faz parte até hoje do governo da Catalunha em aliança com o PSOE, levando adiante as políticas de privatização do ensino, repressão aos imigrantes e aos trabalhadores e apoio às empresas privadas.

sempre teve uma de suas máximas expressões no parlamentarismo. São organizações completamente adaptadas a um sistema político cada vez mais desacreditado, fazem da participação nas eleições um fim em si mesmo e em razão de ser, incluindo a fonte de financiamento e a dependência desses fundos, assim como os vergonhosos privilégios que os deputados recebem.

Em repúdio a tudo isso foi crescendo, ao longo do tempo, um legítimo sentimento antiparlamentar em muitos ativistas de esquerda. Mas isso acabou degenerando em uma deformação política que atua como a outra cara de uma alma gêmea: converter em um princípio a recusa a participar das eleições. O velho Lênin, em sua polêmica com os chamados ultra-esquerdistas, definia esse tipo de posição política como “cretinismo antiparlamentar”.

Corriente Roja concorria pela primeira vez em uma campanha eleitoral e, por isso, desde o princípio deixou claro o propósito de sua candidatura:

Em *Corriente Roja* nunca acreditamos que os parlamentos sejam um verdadeiro órgão de soberania popular e menos ainda o Parlamento europeu. Sabemos que deles não podemos esperar soluções para problemas de trabalho, direitos sociais e liberdades democráticas que os trabalhadores e os povos sofrem. Mas as eleições são um terreno de luta política que não se deve desprezar nem evitar, se se quer arrancar os trabalhadores e os povos da nefasta influência das instituições e partidos do sistema. Por isso, nestas eleições européias é preciso ouvir a voz dos trabalhadores e da esquerda soberanista¹³.

Corriente Roja não fez qualquer especulação sobre o número de votos que poderia obter. Obviamente, quanto mais, melhor, mas não colocamos nenhum objetivo a respeito, porque, como dissemos antes, o objetivo era outro, obter uma candidatura operária e democrática, que se fizesse ouvir a voz dos que a têm negada pelo regime monárquico, pelo governo e pelo próprio sistema. E não especulamos também com o número de votos porque éramos plenamente conscientes de que esta candidatura iria realizar **uma campanha inteiramente contra a corrente**: contra o governo, o regime monárquico, o sistema capitalista e, sobretudo, contra a “opinião pública” e a consciência dominante na própria classe operária à qual nos dirigimos.

Uma campanha eleitoral como a que vivemos, vendo centenas de ativistas em todo o Estado apoiando a candidatura, militando por ela. Vendo tamanha quantidade de atos (a II-SP foi a terceira força política em número de atos organizados, ficando atrás apenas do PP e do PSOE) e vendo a repercussão midiática da candidatura, ainda que fosse para nos criminalizar, gerou, sem dúvida, muitas expectativas e ilusões em alguns setores desse mesmo ativismo, o que é perfeitamente compreensível. Mais que compreensível, porque a candidatura colocou em marcha tamanha quantidade de energia, de ativistas, de coletivos, e despertou tanto entusiasmo nos atos que acabou gerando uma espécie de borbulha em que se acaba perdendo em parte o sentido de realidade.

Mas quando as paixões são traduzidas para a linguagem da razão, a conclusão entre esse mesmo ativismo não deixa sombra de dúvida sobre o balanço mais que positivo de tudo o que foi feito. E aqui entram em cena os mesmos oportunistas de sempre, um inevitável tributo que as organizações

13 Esquerda soberanista: Esquerda independentista

revolucionárias que se situam à frente das lutas têm de pagar. Para nossos detratores, os 40 mil votos obtidos (reconhecidos) fora de Euskal Herria são “ridículos”.

E então voltamos a dizer: pode conseguir duzentos, trezentos mil votos fora de Euskal Herria uma candidatura que diz hoje em Castilha, Andaluzia, Murcia, Extremadura, Ceuta e Melilla, saturadas de espanholismo por todos os lados, que os bascos têm direito à independência se esse for o seu desejo? Pode conseguir hoje cento e cinquenta mil, duzentos mil votos fora de Euskadi uma candidatura que oferece seus espaços e seus atos aos satanizados dirigentes *abertzales*? A II-SP podia tirar 200 mil votos fora de Euskadi dizendo, em um país onde a xenofobia e o racismo continuam crescendo, que os imigrantes e os nativos são a mesma classe operária, que queremos documentos para todos, o fechamento dos centros de internamento e a revogação da lei dos estrangeiros?

Quando se ouvia um de nossos candidatos ou candidatas falar sobre a soberania dos povos, de que a crise deve ser paga pelos capitalistas, dizer não aos ERES, que a classe operária nativa ou estrangeira é a mesma, etc., sentia-se orgulho porque estavam dizendo o que tinha de se dito, sentia-se que muitos trabalhadores e jovens bascos veriam na II-SP sua candidatura e sentia-se como milhares de trabalhadores imigrantes nos dariam seu voto. Se pudessem votar! Mas sentíamos com a mesma força que cada afirmação desse programa afastava milhares de votos de trabalhadores e jovens na “Espanha profunda” e de setores das próprias nacionalidades, porque atualmente sua consciência não é outra senão a consciência da classe dominante. Quantos votos o anúncio de Otegi apoiando a II-SP deu à candidatura em Euskal Herria? E quantos esse mesmo anúncio afastou fora de Euskadi?

A diferença radical entre oportunistas e revolucionários é que estes, com paciência, com toda a pedagogia do mundo, dizemos o que é preciso dizer, o que nesse momento corresponde a uma política de classe e democrática, aproxime ou afaste os votos.

Dessa forma, os pouco acostumados em basear sua política em sólidos princípios acabam navegando como uma rolha, à deriva. E assim como ontem questionavam a candidatura em si, como cretinos antiparlamentares, hoje questionam o resultado eleitoral, porque para todos os oportunistas, a política começa e termina no número de votos e deputados que se obtém.

